



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

RODRIGO HANDERSON GOMES DINIZ

**INVENTIVIDADE DO HOMEM NO SEMIÁRIDO: HISTÓRIA E LITERATURA
REGIONALISTA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.**

**CAMPINA GRANDE
2018**

RODRIGO HANDERSON GOMES DINIZ

**INVENTIVIDADE DO HOMEM NO SEMIÁRIDO: HISTÓRIA E LITERATURA
REGIONALISTA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Área de concentração: História e narrativa.

Orientador: Prof. Msc. Iordan Queiroz Gomes.

**CAMPINA GRANDE
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633i Diniz, Rodrigo Handerson Gomes.
Inventividade do homem no semiárido [manuscrito] :
história e literatura regionalista na primeira metade do século
XX / Rodrigo Handerson Gomes Diniz. - 2018.
28 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Iordan Queiroz Gomes ,
Departamento de História - CEDUC."
1. Fontes históricas. 2. Histiriografia do cotidiano. 3.
Literatura regional nordestina. I. Título
21. ed. CDD 809.8

RODRIGO HANDERSON GOMES DINIZ

**INVENTIVIDADE DO HOMEM NO SEMIÁRIDO: HISTÓRIA E LITERATURA
REGIONALISTA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.**

Artigo apresentado aos Docentes do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

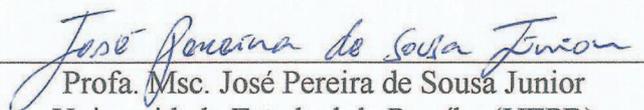
Área de concentração: História e narrativa.

Aprovada em: 07/12/2018.

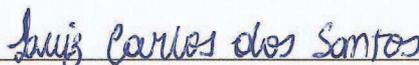
BANCA EXAMINADORA



Prof. Msc. Iordan Queiroz Gomes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Msc. José Pereira de Sousa Junior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Msc. Luiz Carlos dos Santos
Avaliador externo

A minha filha amada Pâmela Sofia,
dedico essa conquista.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus criador de todas as coisas, pois toda honra e toda glória são para ele.

Ao coordenador do curso de História o Me. Matusalém Alves de Oliveira pela eterna presteza, competência e boa vontade em atender a todos que o procuraram na coordenação.

Ao professor Me. Iordan Queiroz Gomes pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela paciência e esmero no encaminhamento da minha pesquisa, atenção esta indispensável para conclusão desse trabalho.

A minha mãe Maria Goretti Gomes Diniz, pelo apoio e incentivo em toda vida, principalmente no aspecto educacional.

Ao meu pai George Diniz Basílio que com exemplo, orientações e dedicação de pai, balizou minha vida de forma que eu segui por bons caminhos.

A minha avó Guiomar, que sempre compreendeu a ausência nas reuniões familiares, mas nunca deixou de cobrar minha presença.

A minha noiva Tissiane Gomes, que me acompanhou durante toda a graduação, e nos momentos de desânimo foi meu farol nas tormentas.

A minha filha Pâmela Sofia, que mesmo distante me inspira diuturnamente a vencer e nunca desistir.

Aos meus irmãos George e Arthur, que sempre quando precisei ou preciso deles, nunca mediram esforços para me apoiar.

Ao me tio Jorge, por ter sido meu cuidador quando criança, e pela atenção frequente até nos dias atuais.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

- Palmatória quebra dedo,
Chicote deixa vergão,
Cacete quebra costela
Mas não quebra opinião.

Rachel de Queiroz

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	LITERATURA COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA.....	10
3	A PROSA REMONTA O COTIDIANO NO SERTÃO SEMIÁRIDO.....	14
3.1	<i>Os Sertões</i> para além da história universal de Hegel.....	14
3.2	<i>O Quinze</i> e representações de uma arte de manipular.....	17
3.3	<i>Vidas Secas</i> e a política das astúcias.....	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
	REFERÊNCIAS.....	27

INVENTIVIDADE DO HOMEM NO SEMIÁRIDO: HISTÓRIA E LITERATURA REGIONALISTA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

Rodrigo Handerson Gomes Diniz¹

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo trazer elementos que possibilitem perceber historicamente, como o homem sobrevive no ambiente rústico da Caatinga.² Para tanto, tomarei como base as narrativas literárias, que apesar de ficcionais, estão carregadas dos signos da realidade, sendo portanto, pensadas como fontes históricas. Nesse sentido, tanto a História como a Literatura, são formas de representação que são pertinentes à época em que foram produzidas, conforme cita Pesavento (2004). Destarte, a obra pré-modernista, *Os Sertões* de Euclides da Cunha e as obras neorrealistas, *O Quinze* de Raquel de Queiroz e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, serão as fontes desse traçado historiográfico do cotidiano, que se demarcará nos conceitos da análise das práticas comuns e das representações, propostas por Michel de Certeau (2014) e Roger Chartier (1990), destacando a inventividade do homem no sertão³ semiárido⁴ brasileiro, dentro da expressão do passado presente na arte literária.

Palavras-Chave: História. Literatura. Cotidiano. Práticas comuns. Representações.

1 INTRODUÇÃO

A proposta para temática tratada neste artigo surgiu em 2016, após a conclusão da 3ª edição do COSAC⁵ – Curso de Operações e sobrevivência em Área de Caatinga, promovido pela Polícia Militar do Estado da Paraíba, o qual na condição de aluno pude observar e assimilar técnicas e manejos de manutenção na Caatinga, fazendo uso da flora e da fauna,

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: rodrigohanderson@hotmail.com

² A Caatinga ocupa uma área de 734.478 km², e é o único bioma exclusivamente brasileiro. Ocupa cerca de 10% do território brasileiro, está presente em todos os estados da região nordeste e na parte norte de Minas Gerais, o clima predominante é o semiárido e o índice pluviométrico é de menos de 800mm de precipitação/ano, com variações térmicas de 25° a 30° durante o dia, chegando a 12° à noite nos pontos de maior altitude.

³ 1. Região agreste, distante das povoações ou terras cultivadas. 2. Terreno coberto de mato, longe do litoral. 3. Interior pouco povoado. 4. Bras. Zona pouco povoada do interior do país, em especial do interior semi-árido da parte norte-ocidental, mais seca do que a caatinga, onde a criação de gado prevalece sobre a agricultura, e onde perduram tradições e costumes antigos. (...). (FERREIRA apud ANTÔNIO FILHO, 2015, p. 84).

⁴ Clima que ocorre em grande parte do sertão nordestino, caracterizado pelo baixo índice pluviométrico e pela pouca variação de média anual de temperatura em torno de 25° e 28°.

⁵ Curso regido pelo Edital nº 0008/2016-CEPM (05.05.2016), republicado no Bol PM nº 0130, de 12 de julho de 2016, em funcionamento na Sede da CPE/10º BPM, estendendo-se a área do CPR I e área do CPR II, no período de 09 de novembro a 13 de dezembro de 2016.

para práticas comuns como a feitura do fogo, construção de moradia, captação de água, camuflagem para fins militares, fabricação artesanal de armadilhas e utensílios para captura e coleta de alimento, etc. O conhecimento pertinente ao Curso, é transmitido por instrutores que obtiveram o conhecimento em edições anteriores da referenciada capacitação, e por nativos da região do sertão semiárido nordestino, detentores e guardiões dessas práticas ancestrais adquiridas desde a infância e passadas de pai para filho.

Essa experiência no semiárido e com as pessoas oriundas da região, me remeteram a obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que tive contato no ensino médio, conseqüentemente em outras obras literárias regionalistas, *O Quinze* da autora Rachel de Queiroz e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, encontrei essas expressões das práticas de viver e habitar executadas pelo sertanejo no semiárido, vividas pelos personagens fictícios desses literatos. Em vista disso, se tornou possível vislumbrar a narrativa literária, como elemento na construção do entendimento da experiência para o processo histórico, dentro dessa perspectiva ressaltada por Fernandes (2012), em que uma das formas possíveis de cruzar a produção literária e a historiografia, seria trilhar pelos caminhos percorridos pelos ficcionistas, literatos como Euclides da Cunha, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, que em suas produções registraram experiências dos seus personagens, que coincidem com práticas reais, e remontam a invenção do cotidiano vital da sobrevivência no semiárido.

Tendo a história cultural, conforme Chartier (1990, p. 16-17), “por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” Serão postas em análise, a construção das representações desse mundo social nesse processo, para elencar as práticas presentes nas obras literárias, que configuram o indivíduo em seu processo de interação social e cultural, Michel de Certeau, na “*Invenção do Cotidiano*”, nos guia na análise do estudo das práticas comuns, como modos de ação e resistência, de forma que do homem do sertão semiárido, é captado nessa perspectiva certeauniana da “[...] lógica operatória cujos modelos remontam talvez às astúcias⁶ multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados, e que, em todo caso, é ocultado por uma racionalidade hoje dominante no Ocidente”, tal como apontadas por Certeau (2014, p. 37).

Chartier (1990), expressa que sendo do interesse de quem as manipula, as representações expressam um sentido hegemônico nas concepções de valores e de mundo, onde a racionalidade esta estabelecida no campo da força dominante, que de acordo com

⁶ Maneiras de se reapropriação do sistema produzido, usando técnicas de reemprego onde é possível reconhecer os procedimentos das práticas cotidianas.

Certeau (2014), enquadrada no princípio das estratégias, baseada em ações e compreendida na conjectura de um lugar de poder, desenvolve um sistema de forças abrangente, capaz de delimitar onde as forças e as ações serão distribuídas dentro dos lugares físicos.

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de servir de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica, científica foi construída segundo esse modelo estratégico. (CERTEAU, 2014, p. 45).

Para fazer frente, concretizando as lutas de representações⁷ se contrapondo ou apenas sobrevivendo às ordenações em vigor, estipuladas pela lógica política, social, econômica e as forças naturais do semiárido nordestino brasileiro, elencadas nas obras literárias *Os Sertões*, *O Quinze* e *Vidas Secas*, da primeira metade do século XX, estão as táticas de consumo,⁸ empregadas pelo homem que vive na caatinga e dela se sustenta, que de forma similar aos indígenas que submetidos a dominação estrangeira, e sob a rege das leis e representações que lhe eram impostas, as “[...] subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir.”(CERTEAU, 2014, p. 39) Nessa dinâmica, se constitui formas de segurança e independência em relação as circunstâncias, de forma a juntar os seus proveitos para usufruto futuro e até se expandir nesse processo de relações de força, relação sintetizada na possibilidade do fraco tirar partido do forte ou simplesmente se abster dele.

[...] a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimento para os transformar em “ocasiões” Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas.. Ele consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos , mas sua síntese intelectual tem como forma não o discurso, mas a própria decisão , ato e maneira de aproveitar a “ocasião”. (CERTEAU, 2014, p. 45-46).

De forma análoga aos indígenas, os homens do semiárido, citados pelos literatos, por vezes faziam das suas ações cotidianas, subversões das representações a que eram impostos, não no intuito rejeitá-las, mas se resguardarem para manutenção de seus interesses e suas

⁷ As representações têm como caráter a universalidade mas podem variar conforme as disposições dos grupos ou classes sociais, porém, atende aos preceitos e interesses dos grupos que as forjam.

⁸ De acordo com Michel de Certeau (2014) faz referência as engenhosidades do fraco para tirar partido do forte, vão desembocar então em uma politização das práticas cotidianas.

necessidades básicas, nesse contexto, Certeau cita a “[...] bricolagem⁹ com e na economia cultural dominante, usando inúmeras e infinitesimais metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Desta atividade de formigas é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades.” (CERTEAU, 2014, p. 40).

A indicação das maneiras de fazer promovidas por Certeau (2014), prestigia as várias experiências particulares, caracterizadas pelas lutas essenciais na organização e manutenção do espaço, onde essa análise seria a base de delimitação de um campo norteado pelas práticas e representações, elencados por Chartier (1990), como de um espaço social. Nessa perspectiva, a literatura regionalista brasileira seria um campo fértil para o levantamento historiográfico, e principalmente para o registro da negligenciada cultura ordinária do homem do semiárido nordestino.

2 LITERATURA COMO FONTE HISTORIOGRÁFICA

A História Cultural de acordo com Chartier (1990) tem como princípio basilar, a identificação das particularidades de determinada realidade cultural, desde sua construção a seu pensamento e leitura do outro, contribui de uma maneira imensurável para a historiografia mundial, ao trazer para a discussão histórica além da cultura, a possibilidade de acesso a temas e fontes que passavam despercebidos ou até mesmo desprezados pela historiografia. Na relação entre Literatura e História, é possível esclarecer alguns elementos referentes à História Cultural, pela abertura de possibilidades a serem incorporadas dessas novas e variadas fontes. Como elenca Sena Junior (2010), as discussões que dizem respeito à História e à Literatura, inserem-se no âmbito da História Cultural, pois, “Para a História Cultural, a relação entre a História e a Literatura se resolve no plano epistemológico, mediante aproximações e distanciamentos, entendendo-as como diferentes formas de dizer o mundo, que guardam distintas aproximações com o real [...]” (PESAVENTO, 2004, p. 48).

Ao analisar a epistemologia do espaço existente entre o passado e sua representação, Chartier (2017) ressalta a concretude e o que seriam construções narrativas que se propunham a preencher as lacunas do passado, dessa forma estimulando a reflexão sobre a historiografia, que como a ficção, é passível ser entendida como uma escrita construída a partir de figuras retóricas e estruturas narrativas. Essa discussão, foi base para crise da história nos anos e 1980

⁹ Na perspectiva certeuniana, referência à subversão velada da ordem, promovida pelos indígenas em resistência à dominação espanhola.

e 1990, onde fora questionado se era possível continuar atribuindo um regime específico de conhecimento a história, na condição de disciplina do saber, se partilhasse de metodologias com a escrita ficcional, sendo nesse contexto a verdade histórica adjacente a produção mitológica e literária.

O historiador, ao ler os registros e munidos das suas ferramentas de ofício, e sob as demandas multifacetadas do presente, pode adentrar a escrita literária para construir um entendimento das relações que embasaram os enredos, se limitando ao que impõem e permitem a metodologia da análise dos registros, de cada visita é possível emergir uma compreensão particular, nesse contexto, Fernandes (2012) ressalta que ao se remover camadas de uma obra, o mundo do historiador, na condição de leitor na produção historiográfica, se introduz no lugar do autor, ainda nessa perspectiva de análises das obras ficcionais, Martins (2015) afirma que não há dúvidas de que a literatura sendo uma expressão artística, não deixaria a desejar como fonte, pois:

[...] da mesma forma que não há uma árvore sem raízes e não se pode imaginar a qualidade de seus frutos sem levar em conta as condições de seu solo, do clima e das condições ambientais [...] afirma a literatura é produto de seu tempo e é reflexo das condições socioculturais do meio em que os autores ficcionais se inserem. (SEVCENKO, apud MARTINS, 2015, p. 3892).

Chartier (2017) aponta que esta distinção entre História e literatura, não se apresenta de forma tão clara, ao exemplificar que no romance do século XIX, há uma tendência em aproximar os fatos e os personagens históricos para a ficção, fazendo com que a linha que separa História e Literatura se apresente de maneira cada vez mais tênue, Martins (2015) também compreende que a literatura entraria no campo da análise historiográfica, pois mesmo uma obra literária não trazendo personagens que existiram, é evidente que as obras ficcionais promovem situações comuns à época em que foram produzidos, onde os personagens e costumes presentes nas obras de Euclides da Cunha, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos, de forma alguma, destoam das várias pessoas que de fato viveram e ainda vivem no sertão semiárido nordestino brasileiro.

De acordo com Camilotti; Naxara (2009), após o distanciamento entre história e literatura na década de 70 do século XX, foi a partir da década seguinte na historiografia brasileira, que houveram significativos deslocamentos de renovação das práticas historiográficas, onde a partir dos preceitos de Michelet e outros autores do século XIX, buscaram uma demarcação voltada para campo da história cultural, onde os costumes, valores compartilhados,

manifestações populares, passaram a ser foco de interesse da dita nova história e da história social.

Pesavento (2006) referencia que no Brasil, a literatura como fonte de pesquisa historiográfica se desenvolveu a partir dos anos 90, sendo na atualidade um campo promissor, pois tanto a história como a literatura, são formas de representar questões que são pertinentes aos homens da época em que são produzidas. Sendo a obra literária, uma fonte possível e indispensável para produção histórica, a História segundo Borges (2010), como um processo social e como disciplina, deve levar em conta toda expressividade literária da sociedade possuidora de historicidade, e conseqüentemente servir de fonte documental.

No universo amplo dos bens culturais, a expressão literária pode ser tomada como uma forma de representação social e histórica, sendo testemunha excepcional de uma época, pois um produto sociocultural, um fato estético e histórico, que representa as experiências humanas, os hábitos, as atitudes, os sentimentos, as criações, os pensamentos, as práticas, as inquietações, as expectativas, as esperanças, os sonhos e as questões diversas que movimentam e circulam em cada sociedade e tempo histórico. A literatura registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste. (BORGES, 2010, p. 98).

A análise da literatura como fonte para produção histórica, e dar voz aos que estão às margens da sociedade, proporciona novas possibilidades de reconstruir o passado:

A narrativa literária cria a possibilidade do vir a acontecer, dos sonhos que revelam outro cotidiano que não apenas o dos vencedores, fazendo alusão a sujeitos que reelaboram sua prática social e os transforma em realizadores de sua própria história, permitindo, finalmente, o conhecimento de uma realidade que não apenas a sacralizada pela história dos vencedores. (SEVCENKO, 2003, apud SENA JUNIOR, 2010, p. 5).

Portanto, é perceptível que a literatura como fonte, ao fornecer elementos importantes para construção de uma versão dos fatos, cumprirá seu papel primordial e indispensável para análise historiográfica. Nesse sentido, todo testemunho histórico, sendo documento oficial ou manifestação artística, exprimirá seus significados quando analisado sobre o crivo do contexto histórico em que foram produzidos, “revelando as lutas, apropriações, acomodações e etc., que a vitória de determinado ‘projeto de cultura’ deixou cravada no interior de determinado grupo social.” (SENA JUNIOR, 2010, p. 6).

Como uma fonte privilegiada para o historiador, a literatura acessando o imaginário, permite que o historiador capte nuances que outras fontes não lhe forneceriam, onde a

narrativa literária, “de modo ancestral, pelo mito, pela poesia ou pela prosa romanesca fala do mundo de forma indireta, metafórica e alegórica” (PESAVENTO, 2006, p. 6).

[...] a Literatura é fonte de si mesma. Ela não fala de coisas ocorridas, não traz nenhuma verdade do acontecido, seus personagens não existiram, nem mesmo os fatos narrados tiveram existência real. A Literatura é testemunho de si própria, por tanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época. (PESAVENTO, 2004, P. 50).

Dentro desse contexto, é possível reconhecer muito da realidade nas produções literárias, possibilitando ao historiador perceber, grande parte ou toda matéria social e histórico em que se alicerça toda escrita ficcional. É no contexto real, que se desenvolve a inserção nas aventuras dos personagens, “tentados a ocupar-lhes o lugar, dialogando com eles, chorando os desfechos de suas vidas.” Sena Junior (2010, p. 6).

A legitimação da ficção como fonte histórica, tem embasamento na perspectiva de que representação do imaginário social coletivo é tão concreto quanto o fato em si. Sendo representação para Pesavento (2004), operações mentais e históricas, que dão sentido ao mundo, e fundamentam o sentido do existir, pois é por meio das representações que são construídas as identidades e se regem as ações mundanas, as representações, por vezes, tomam o lugar do real, porém não de forma incontestável, mas mantendo relações análogas. A autora destaca ainda, que mesmo a História e a Literatura oferecendo papéis distintos na construção da identidade, ambos se apresentam como representações do mundo social. “[...] A ficção não seria, pois, o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador” (PESAVENTO, 1995, p. 117).

A partir do conceito de representação proposto pela autora supracitada, onde as diversidades das identidades possibilitam uma nova análise sobre as fontes, a literatura entraria como base privilegiada no processo de construção e da análise histórica, a representação inerente à obra, será o ponto principal para análise do historiador, “[...] o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa[...]. (PESAVENTO, 1995, p. 117).

3 A PROSA REMONTA O COTIDIANO NO SERTÃO SEMIÁRIDO

Como a produção da narrativa literária regionalista brasileira, que não obstante a enveredar pela “subjetividade das representações (a que estaria ligada uma outra história, dirigida as ilusões de discursos distanciados do real)” (CHATIER, 1990, p. 17). Sena Junior (2010) cita, que são peculiares doses de realidade a produção historiográfica, no entanto, o historiador não pode abster-se de se aventurar nos campos da subjetividade e da imaginação, pois sendo a narrativa histórica construída dentro da perspectiva metodológica, que impregna a obra de aspectos biográficos, sociais e conjunturais, a literatura entrará como intérprete, capaz de recriar poeticamente a realidade. Pressupostos referenciados na obra pré-modernista, *Os Sertões* de Euclides da Cunha e nas obras modernistas, *O Quinze* de Raquel de Queiroz, *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, que são como marcos da representação da identidade social, por serem fontes privilegiadas que levam a compreensão da conjuntura política, social e cultural de grande parte dos brasileiros, que vivem no semiárido nordestino, para além das representações construídas historicamente, também relacionando o real como construção social por meio da ficção.

3.1 *Os Sertões* para além da história universal de Hegel

A obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha¹⁰, publicada em 1902, além do conflito de canudos ocorrido no interior do Estado da Bahia nos anos de 1896 e 1897, retrata aspectos etnográficos, culturais, sociais, ambientais e geográficos do Brasil até hoje negligenciados pelo poder público. O sertanejo tratado por Euclides da Cunha tem seus contrastes, superstições, porém esbanja valentia, força, e generosidade (CUNHA, 2002). Ao fazer um apanhado sobre o universo do homem do sertão semiárido, Euclides descreve com detalhes o

¹⁰ “No dia 7 de agosto de 1897, o engenheiro-militar Euclides da Cunha (1866- 1909) deixa a cidade do Rio de Janeiro rumo aos sertões da Bahia para acompanhar, como correspondente do Jornal O Estado de São Paulo, o desenrolar da Guerra de Canudos, um trágico conflito que levaria a morte de quase 5 mil soldados e de mais de 25 mil sertanejos seguidores de Antonio Conselheiro. A repercussão dos fatos pela imprensa do centro do país, durante quase um ano, entre 1896 e 1897, foi de tal modo intensa que pôs em polvorosa tanto o exército quanto o recém instaurado regime republicano. De maneira geral, a imprensa divulgava a Revolta de Canudos como uma campanha monarquista deflagrada contra a República, o que justificava a mobilização do Estado, do Exército e de setores influentes da elite brasileira. A viagem de Euclides ao epicentro dessa tragédia, embora por apenas 16 dias, mudaria radicalmente a sua trajetória e, porque não dizer, a própria história da literatura brasileira. A experiência dessa viagem se completaria cinco anos mais tarde, quando Euclides da Cunha, um engenheiro militar desconhecido no mundo das letras, lançara *Os Sertões*, sua narrativa sobre a epopéia de Canudos.” (SOUZA, V. S. . 2010, p. 1-2).

ambiente e sua vegetação, relevo, clima dentre várias características naturais que compõe a paisagem sertaneja, onde há predominância do bioma exclusivamente brasileiro, a Caatinga.

[...] Se vai para o norte, salteiam-no transições fortíssimas: a temperatura aumenta; carrega-se o azul dos céus; embaciam-se os ares; e as ventanias rolam desorientadamente de todos os quadrantes — ante a tiragem intensa dos terrenos desabrigados, que dali por diante se estiram. Ao mesmo tempo espelha-se o regímen excessivo: o termômetro oscila em graus disparatados passando, já em outubro, dos dias com 35° à sombra para as madrugadas frias. (CUNHA, 2002, p. 26-27).

Sendo referência para os estudos variados até os dias atuais, o livro *Os Sertões* retrata com fidedignidade, porém com linguagem literária, os “sertões do norte” generalizado por Hegel, que delineou três categorias geográficas elementares como fatores preponderantes para a diversidade étnica no mundo, pois “logo que o homem surge como homem, põe-se em oposição à natureza; só assim se torna homem” (HEGEL, 1995, p. 180), em referência a história universal, que correspondia ao caminho percorrido pelo espírito universal em compreender-se enquanto livre, definiria conforme Hegel (1995), a descoberta do homem enquanto ser racional, pela sua oposição a natureza e não apenas enquanto parte dela. No entanto, para além das expectativas da teoria Hegeliana, está o sertanejo do semiárido brasileiro, que aguerrido como a flora e a fauna da caatinga, não está “no quadro do pensador germânico.” (CUNHA, 2002, p. 42).

Na plenitude das secas são positivamente o deserto. Mas quando estas não se prolongam ao ponto de originarem penosíssimos êxodos, o homem luta como as árvores, com as reservas armazenadas nos dias de abundância e, neste combate feroz, anônimo, terrivelmente obscuro, afogado na solidão das chapadas, a natureza não o abandona de todo. Ampara-o muito além das horas de desesperança, que acompanham o esgotamento das ultimas cacimbas. (CUNHA, 2002, p. 42).

Ultimas cacimbas, que perduram até a chegada das chuvas irregulares no semiárido brasileiro, onde a água escoar rápido pelo solo de formações rochosas cristalinas, contudo, o suficiente para que os rios intermitentes aparentem perenidade e a vegetação visivelmente inerte, floresça de forma que a paisagem transfigure-se “em mutações fantásticas, contrastando com a desolação anterior.” Cunha (2002, p. 42). O homem do semiárido acostumado a superar as dificuldades, não se atemoriza pela seca, do contrário perceberá que com os poucos recursos e com conhecimento ancestral de sua cultura ordinária, poderá sobreviver executando conforme os preceitos de Certeau (2014), práticas comuns que inventarão o seu cotidiano de varias formas, frente ao estabelecido pela ordem das leis

naturais e das representações¹¹ das classes dominantes e das forças coercitivas. Seria o “[...] complemento a sua vida tormentosa, emoldurando-a em cenários tremendos [...]. Apesar das dolorosas tradições que conhece através de um sem-número de terríveis episódios, alimenta a todo transe esperanças de uma resistência impossível.” (CUNHA, 2002, p. 87).

Nesse sentido, sendo a obra *Os sertões*, conforme TEIXERA (2016), a porta de entrada para Literatura Brasileira, como fonte de análise para as Ciências Sociais na discussão sobre a identidade brasileira no início do século XX, a captação da essência histórica do sertanejo do semiárido brasileiro descrito por Cunha (2002), se refletirá nas características elencadas na obra como a preguiça invencível, e do marasmo físico e existencial que remete a noção de conformismo, em paralelo a capacidade análoga da lógica operatória descrita por Certeau (2014), que remonta o instinto primitivo de superação similar, as “astúcias multimilenares dos peixes disfarçados ou dos insetos camuflados.” (CERTEAU, 2014, p. 37).

Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude. Nada é mais surpreendedor do que vê-la desaparecer de improviso. Naquela organização combatida operam-se, em segundos, transmutações completas. Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. O homem transfigura-se. Empertiga-se, estadeando novos relevos, novas linhas na estatura e no gesto; e a cabeça firma-se-lhe, alta, sobre os ombros possantes aclarada pelo olhar desassombrado e forte; e corrigem-se-lhe, prestes, numa descarga nervosa instantânea, todos os efeitos do relaxamento habitual dos órgãos; e da figura vulgar do tabaréu canhestro reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias. (CUNHA, 2002, p. 87).

Contudo, como ressalta Certeau (2014), que mesmo essas práticas tendo sido negligenciadas pela racionalidade do progresso ocidental, na medida em que produziram estratégias¹² impositivas, inevitavelmente remeteram a uma alicerçada base para constatação de fatos e acontecimentos pelos rastros de resistência naturalmente empregadas.

[...] arte imemorial, que não apenas atravessou as instituições de ordem sociopolíticas sucessivas, mas remonta bem mais acima que nossas histórias e liga com estranhas solidariedades o que fica aquém das fronteiras da humanidade. [...] Os procedimentos desta arte se encontram nas regiões remotas do ser vivo, como se vencessem não apenas as divisões estratégicas das instituições históricas, mas também o corte instaurado pela própria instituição da consciência. Garantem continuidades formais e a permanência de uma memória sem linguagem, do fundo dos mares até as ruas de nossas megalópoles. (CERTEAU, 2014, p. 98).

¹¹ Chatier explana sobre dupla tendência para análise da realidade considerando as representações como realidade de sentidos variados.

¹² Conforme Certeau “As estratégias são, portanto, ações que, graças ao postulado de um lugar de poder (a propriedade de um próprio), elaboram lugares teóricos (sistemas e discursos totalizantes), capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem.” (CERTEAU, 2014, p. 96).

Por conseguinte, de forma análoga a certos peixes e plantas descritos por Certeau (2014), que promovem golpes e manobras para sobreviverem e se sobressaírem sobre as adversidades naturais, o homem do sertão semiárido mesmo destinado, conforme a concepção científica do século XIX, a um processo evolutivo moroso, é detentor de autonomia e atributos originalmente selvagens, mas consonantes a um possível contexto civilizatório, que reconhecem o “Hercules-Quasímodo”¹³, como sendo “antes de tudo, um forte.” (CUNHA, 2014, p. 77).

3.2 *O Quinze* e as representações de uma arte de manipular

Na obra *O Quinze* da escritora Rachel de Queiroz¹⁴, publicada em 1930, como cita Araújo; Anselmo (2009), a autora ao longo da trama, se direciona aos efeitos do semiárido e seu reflexo na vida e nas escolhas dos personagens, potencializando na percepção do leitor as sensações climáticas, e os problemas sociais inerentes ao flagelo da seca. O título do livro faz referência à seca do ano de 1915, ditas uma das mais terríveis que assolaram o sertão semiárido brasileiro. Nascida no Ceará no ano de 1910, Raquel de Queiroz presenciou a rigorosa estiagem por ter vivido na região de Quixadá, interior do referenciado Estado, até seguir para o Rio de Janeiro em 1917.

O enredo tem como cenário Quixadá no Estado do Ceará, e se desenvolve em dois núcleos, a primeira na relação entre Conceição e Vicente, e o outro na família de Chico Bento, que tenta fugir dos efeitos da seca, migrando para Fortaleza onde mora Conceição. O livro faz menção também ao Norte do país, quando trata da extração da borracha e do desejo de Chico Bento de até aquela região chegar, além da cidade de São Paulo, destino que toma, já no final da obra. A obra “encanta por possuir uma linguagem simples, característica do sertanejo humilde, um contraste com a professora Conceição, que apesar de se diferenciar pelo seu grau

¹³ Como Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*, se referiu ao sertanejo do semiárido.

¹⁴ “Com o livro “O Quinze” Rachel de Queiroz explorou o significado da seca na vida do povo nordestino, a autora soube amarrar os efeitos deste fenômeno climático à vida de seus personagens ao longo da trama conseguindo desta forma, mostrar ao leitor quão significativo e relevante é este fenômeno, aliado ao descaso governamental ao lidar com a população habitante desta região. Trata-se de um romance que deu a autora grande prestígio como escritora ainda em sua juventude, já que em 1930 quando o livro foi publicado, Rachel ainda estava no auge de seus 20 anos de idade. [...] Rachel possuía certa experiência conquistada ao longo do curto período de sua vida. Aos 18 anos (1928), ela já fora convidada para ser colaboradora de um jornal da época chamado “O Povo” e, além disso, a leitura de clássicos já fazia parte de sua juventude. Influenciada pela mãe, Rachel leu Max Nordau, Barbusse, Dostoiévski, Gorki, Tolstoi dentre outros, familiarizando-se com o socialismo da Revolução Russa e com o marxismo de maneira mais ampla. O contato com essas leituras pode ter lhe rendido o envolvimento com o Partido Comunista e com políticos remanescentes do Bloco Operário e Camponês, esmagado pela polícia de Washington Luís.” (ARAÚJO; ANSELMO, 2009, p. 2-3).

de instrução, não perde a simplicidade e espontaneidade de suas origens.” (ARAÚJO; ANSELMO, 2009, p.4). A narrativa é feita em primeira e terceira pessoa permitindo a autora desvendar cada personagem revelando sua identidade de forma gradativa no decorrer da trama.

Ao ressaltar experiências particulares de cada personagem, Queiroz (2001) permeia “as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho” Certeau (2014, p. 35), delimitando o campo social que pertence e exemplifica as “maneiras de fazer” tratadas por Certeau (2014) como táticas e astúcias que se contrapõem a ordem natural vigente.

- Por falar em deixar morrer... o compadre já soube que a Dona Maroca das Aroeiras deu ordens pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém. Escandalizado, indignado, Vicente saltou de junto da jurema onde se encostava: - Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! Aquela velha é doida! Mal empregado tanto gado bom! (QUEIROZ, 2014, p. 9).

No trecho, é possível perceber que o personagem Vicente, mesmo com as ordens da Dona Maroca das Aroeiras e a possibilidade do período de estiagem perdurar, promete persistir em exercer sua função de vaqueiro, com o que ainda restar dos recursos naturais da Caatinga, exemplificando o que Certeau (2014) define como as práticas cotidianas estabelecidas para manipulações internas a um sistema vigente, que para o caso elencado, seria o posicionamento de Vicente, que pelo seu conhecimento em relação ao uso de exemplares da flora do semiárido para alimentar os animais, se contrapôs a ordem transmitida por João Marreca, outro trabalhador da propriedade, se predispondo também a resistir aos efeitos naturais da seca, o que remete a “lutas de representações, onde o que esta em jogo é a ordenação, logo a hierarquização da própria estrutura social” (CHARTIER, 1990, p. 23).

“O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.” (CERTEAU, 2014, p. 38), dinâmica que o homem do sertão semiárido ao estar em situações de extrema necessidade, como é o período da estiagem, sabe reverter a seu favor, essa questão se materializa na obra, quando o personagem Chico Bento, outro vaqueiro da propriedade de Dona Maroca, no deslocamento com sua família para um local menos desolado pela estiagem, enfrentando um caminho de “confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos.” (QUEIROZ, 2014, p. 11), demonstram destreza na arte do improvisado e de sobreviverem com o pouco que possuíam.

Na primeira noite, arrancharam-se numa tapera que apareceu junto da estrada, como um pouso que uma alma caridosa houvesse armado ali para os retirantes. O vaqueiro foi aos alforjes e veio com uma manta de carne de bode, seca, e um saco cheio de farinha, com quartos de rapadura dentro. Já as mulheres tinham improvisado uma trempe e acendiam o fogo. E a carne foi assada sobre as brasas, chiando e estalando o sal. Pondo na boca o primeiro pedaço, Chico Bento cuspiu: - lá! sal puro! Mesmo que pia! Mocinha explicou: - Não tinha água mode lavar... Sem se importarem com o sal, os meninos metiam as mãos na farinha, rasgavam lascas de carne, que engoliam, lambendo os dedos. Cordulina pediu: - Chico, vê se tu arranja uma agüinha pro café... Apesar da fadiga do longo dia de marcha, Chico Bento levantou-se e saiu; a garganta seca e ardente, parecendo ter fogo dentro, também lhe pedia água. Os meninos, passado o furor do apetite, exigiam com força o que beber; gemiam, pigarreavam, engoliam mais farinha, ou lambiam algum taco de rapadura, entretendo com o doce a garganta sedenta. Pacientemente, a mãe os consolava: - Esperem aí, seu pai já vem... Em meia hora, realmente, ele chegou, com a cabaça cheia duma água salobra que arranjara a quase um quilômetro de distância. O Josias, que era o que mais se lastimava e mais tossia, correu para o pai, tomou-lhe a vasilha da mão e colando às bordas a boca sôfrega, em sorvos lentos, deliciados, sugou a água tão esperada; mas os outros, avançando, arrebatarem-lhe a cabaça. (QUEIROZ, 2014, p. 33-34).

Improviso que se repete em várias outras práticas, como na negociação com Vicente, onde Chico Bento oferece suas poucas criações e roupa de vaqueiro, objetivando angariar mais dinheiro para viagem com seus familiares, conforme elenca Queiroz (2014):

- Quantas reses você tem para negócio? - Um boiote, uma vaca solteira e um garrote. Tem mais a minha roupa de couro que eu queria que o compadre ficasse com ela. É toda de couro de capoeiro, sem um rasgo que seja... - Quanto você quer por isso? - Pela roupa o compadre podia me dar vinte mil-réis... - E pelas reses? - Pelas reses me dê, alto e mal, quarenta mil-réis por cabeça... É mesmo que lhe dar dado... [...] - Se o compadre Vicente quisesse fazer uma troca... Me dava um animal de carga e uma volta em dinheiro... Porque um burro já será mais fácil de vender depois... Vicente falou lentamente, no vaivém do balanço: - É... aliás eu não devia andar comprando gado agora... Mas vamos ao curral para você ver os animais que eu tenho. Nas suas reses há alguma raceada? - A vaca e o boiote são filhos do turino velho. - Pois vamos ver os burros. Você não há de querer fazer o negócio no escuro... Afastaram-se para o curral. Marchando ambos de par, junto da robustez desempenada de Vicente, o vulto curvado do Chico Bento parecia mais corcunda e mais triste, como uma interrogação lastimosa. (QUEIROZ, 2014, p. 20-21).

Nesse contexto, “as representações supõem-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 1990, p. 17). Na troca de uma rede por mantimentos em uma bodega próxima, ocasião em que a fome de todos se intensificou, Chico Bento “cria para si um espaço de jogo para maneiras de utilizar a ordem imposta do lugar [...] ele aí instaura pluralidade e criatividade. Por uma arte de intermediação ele tira daí efeitos imprevistos.” (CERTEAU, 2014, p. 87).

“Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas. - Mãezinha, cadê a janta? - Cala a boca, menino! já vem! - Vem lá o quê!... Angustiado, Chico Bento apalpava os bolsos... nem um triste vintém azinhavrado... Lembrou-se da rede nova, grande e de listas que comprara em Quixadá por conta do vale de Vicente. Tinha sido para a viagem. Mas antes dormir no chão do que ver os meninos chorando, com a barriga roncando de fome. Estavam já na estrada do Castro. E se arrancharam debaixo dum velho pau-branco seco, nu e retorcido, a bem dizer ao tempo, porque aqueles cepos apontados para o céu não tinham nada de abrigo. O vaqueiro saiu com a rede, resoluto: - Vou ali naquela bodega, ver se dou um jeito... Voltou mais tarde, sem a rede, trazendo uma rapadura e um litro de farinha: - Tá aqui. o homem disse que a rede estava velha, só deu isso, e ainda por cima se fazendo de compadecido...” (QUEIROZ, 2014, p. 42).

Práticas, que caracterizam os “mil modos de instaurar uma confiabilidade nas situações sofridas, isto é, de abrir ali uma possibilidade de vivê-las, reintroduzindo dentro delas a mobilidade plural de interesses e prazeres, uma arte de manipular e comprazer-se.” Certeau (2014, p. 49). Estabelecendo seu domínio sobre o crivo de valores próprios paralelos a concepção particular de mundo e sociedade.

3.3 *Vidas Secas* e a política das astúcias

Vidas Secas é um romance de Graciliano Ramos¹⁵ publicado em 1938, enquadrado na segunda fase do modernismo. O livro conforme Botoso (2013), aborda a pobreza e as dificuldades da vida do retirante no sertão semiárido nordestino, narrando às experiências e fuga de Fabiano e sua família na seca, produto do período de estiagem no semiárido nordestino brasileiro. Na obra, as particularidades de cada personagem, serão tratadas por Ramos (2015) de forma a promover um aprofundamento psicológico, onde pessoas simples como o vaqueiro Fabiano, sua mulher Sinhá Vitória, os dois filhos indicados na obra como o menino mais velho e o menino mais novo além da cachorra Baleia, se tornarão personagens protagonistas do seu cotidiano da Caatinga.

¹⁵ “O escritor é, seguramente, um dos mais importantes autores da literatura brasileira contemporânea. Nasceu em Quebrângulo, Alagoas, em 1892 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1953. Foi o filho primogênito de um casal sertanejo de classe média. Viveu uma parte de sua infância em Buíque, Pernambuco e também em Viçosa, Alagoas. Estudou em Maceió e, em 1910, estabeleceu-se em Palmeira dos Índios. Durante um curto espaço de tempo em que esteve no Rio de Janeiro, trabalhou nos seguintes jornais: Correio da Manhã e A tarde (1914) e depois disso, retornou a Palmeira dos Índios. Entre os anos de 1928-1930, torna-se prefeito de Palmeira dos Índios, passando a se dedicar ao jornalismo e à política. Entre 1930-1936, viveu em Maceió, onde dirigiu a Imprensa e a Instrução do Estado, conforme informações de Alfredo Bosi (2001, p. 452- 457). No ano de 1936, foi preso, acusado de ser subversivo. Dessa experiência resultou o romance autobiográfico intitulado Memórias do Cárcere. Depois disso, o escritor muda-se para o Rio de Janeiro. Em 1945, ingressou no Partido Comunista Brasileiro. Em 1951, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Escritores e, no ano seguinte, viajou por alguns países socialistas. Ele morreu no Rio de Janeiro como um escritor consagrado, e suas obras foram traduzidas para o espanhol, o italiano, o alemão, o russo, o húngaro, o tcheco, o polonês e o finlandês.” (BOTOSO, 2013, p. 52)

Ao relatar a vida da família, o autor supracitado traz particularidades do ambiente, que exprimem todo conhecimento do homem em relação ao meio, que Certeau (2014) define como as “práticas cotidianas” de fazer, seriam as vitórias do homem do semiárido, sobre a força da ordem natural da seca, pequenos sucessos, astúcias, “mobilidades da mão de obra, simulações poliformas, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos. Essas performances operacionais dependem de saberes muito antigos.” (CERTEAU, 2014, p. 46).

Fabiano procurou em vão perceber um toque de chocalho. Avizinhou-se da casa, bateu, tentou forçar a porta. Encontrando resistência, penetrou num cercadinho cheio de plantas mortas, rodeou a tapera, alcançou o terreiro do fundo, viu um barreiro vazio, um bosque de catingueiras murchas, um pé de turco e o prolongamento da cerca do curral. Trepou-se no mourão do canto, examinou a catinga, onde avultavam as ossadas e o negrume dos urubus. Desceu, empurrou a porta da cozinha. Voltou desanimado, ficou um instante no copiar, fazendo tenção de hospedar ali a família. Mas chegando aos juazeiros, encontrou os meninos adormecidos e não quis acordá-los. Foi apanhar gravetos, trouxe do chiqueiro das cabras uma braçada de madeira meio roída pelo cupim, arrancou touceiras de macambira, arrumou tudo para a fogueira. Nesse ponto Baleia arrebitou as orelhas, arregaçou as ventas, sentiu cheiro de preás, farejou um minuto, localizou-os no morro próximo e saiu correndo. Fabiano seguiu-a com a vista e espantou-se uma sombra passava por cima do monte. Tocou o braço da mulher, apontou o céu, ficaram os dois algum tempo agüentando a claridade do sol. [...]receosos de perder a esperança que os alentava. Iam-se amodorrando e foram despertados por Baleia, que trazia nos dentes um preá. Levantaram-se todos gritando. O menino mais velho esfregou as pálpebras, afastando pedaços de sonho. Sinha Vitória beijava o focinho de Baleia, e como o focinho estava ensangüentado, lambia o sangue e tirava proveito do beijo. Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaría a morte do grupo. E Fabiano queria viver. Olhou o céu com resolução. A nuvem tinha crescido, agora cobria o morro inteiro. Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares. Sinha Vitória remexeu no baú, os meninos foram quebrar uma haste de alecrim para fazer um espeto. Baleia, o ouvido atento, o traseiro em repouso e as pernas da frente erguidas, vigiava, aguardando a parte que lhe iria tocar, provavelmente os ossos do bicho e talvez o couro. Fabiano tomou a cuia, desceu a ladeira, encaminhou-se ao rio seco, achou no bebedouro dos animais um pouco de lama. Cavou a areia com as unhas, esperou que a água marejasse e, debruçando-se no chão, bebeu muito. Saciado, caiu de papo para cima, olhando as estrelas, que vinham nascendo. Uma, duas, três, quatro, havia muitas estrelas, havia mais de cinco estrelas no céu. O poente cobria-se de cirros - e uma alegria doida enchia o coração de Fabiano. (RAMOS, 2015, p. 13-14).

A persistência do sertanejo do semiárido, exprime “Essas táticas” elencadas por Certeau (2014), como manifestações paralelas ao conhecimento que é “indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula” (CERTEAU, 2014, p. 46-47), nesse sentido, estando imerso no ambiente inóspito da caatinga, o homem de forma aguerrida e sem cessar, tem conforme suas necessidades, que jogar com os acontecimentos para transformar dificuldades em oportunidades de sobrevivência – “Você é um bicho, Fabiano. Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades. Chegara naquela situação medonha - e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.” (RAMOS,

2015, p. 13-14) Se materializa nessa passagem, a justificativa para as escolhas e condutas do indivíduo, característica individual de representação conforme elencado por Chartier (1990) de um mundo social.

Estando Fabiano, e todos os personagens da obra, na condição de consumidores, “essas maneiras de se reapropriar do sistema produzido, [...] visam uma terapêutica de socialidades deterioradas, e usam técnicas de reemprego onde é possível reconhecer os procedimentos das práticas cotidianas. Deve-se então elaborar uma política dessas astúcias.” Certeau (2014, p. 51) — “astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo ‘maneira própria’ de caminhar pela floresta de produtos impostos” Certeau (2013, p. 13, grifo do autor) seja pelo intempestivo ambiente castigado pela seca ou pela negligência histórica do poder público.

Astúcia que no ideário do homem do semiárido, toma fôlego no conhecimento ordinário, que para compreender “ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante do seu objetivo.”(CERTEAU, 2014, p. 35), a exemplo da ocasião em que sinhá Vitória vislumbrando uma melhoria no seu conforto, associa um ato comum de cuspir a uma possível concretização de seus sonhos.

Agachou-se, atçou o fogo, apanhou uma brasa com a colher, acendeu o cachimbo, pôs-se a chupar o canudo de taquari cheio de sarro. Jogou longe uma cusparada, que passou por cima da janela e foi cair no terreiro. Preparou-se para cuspir novamente. Por uma extravagante associação, relacionou esse ato com a lembrança da cama. Se o cuspo alcançasse o terreiro, a cama seria comprada antes do fim do ano. Encheu a boca de saliva, inclinou-se - e não conseguiu o que esperava. Fez várias tentativas, inutilmente. O resultado foi secar a garganta. Ergueu-se desapontada. Besteira, aquilo não valia. (RAMOS, 2015, p. 42).

Em se tratando do poder público, Fabiano ao ir à feira da cidade para comprar mantimentos, após tomar um copo de aguardente na bodega de seu Inácio, teve um encontro com um policial, que o convidou de forma imperativa para um jogo de cartas naquele recinto, a ocasião resultou na prisão do vaqueiro, que se mostrou indignado pela injustiça e violência promovida pelo representante do estado.

- Isso não se faz, moço, protestou Fabiano. Estou quieto. Veja que mole e quente é pé de gente. O outro continuou a pisar com força. Fabiano impacientou-se e xingou a mãe dele. Aí o amarelo apitou, e em poucos minutos o destacamento da cidade rodeava o jatobá. - Toca pra frente, berrou o cabo. Fabiano marchou desorientado, entrou na cadeia, ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu. - Está certo, disse o cabo. Faça lombo, paisano. Fabiano caiu de joelhos, repetidamente uma lâmina de facão bateu-lhe no peito, outra nas costas. Em seguida abriram uma porta, deram-lhe um safanão que o arremessou para as trevas do cárcere. A chave tilintou na fechadura, e Fabiano ergueu-se atordoado, cambaleou,

sentou-se num canto, rosnando - Hum! hum! Porque tinham feito aquilo? Era o que não podia saber. Pessoa de bons costumes, sim senhor, nunca fora preso. De repente um fuzuê sem motivo. Achava-se tão perturbado que nem acreditava naquela desgraça. Tinham-lhe caído todos em cima, de supetão, como uns condenados. Assim um homem não podia resistir. (RAMOS, 2015, p. 31).

Nesse contexto se materializa o que Certeau (2014) exemplificou com a experiência de um magrebino, sindicalista em Billancourt na França, onde frente ao governo ele afirmava “A gente sempre leva a pior!”, o que caracteriza o espaço distribuído em dois níveis:

De um lado, um espaço socioeconômico, organizado por uma luta imemorial entre “poderosos” e “pobres”, apresentava-se como o campo das perpétuas vitórias dos ricos e da polícia, mas também como o reinado da mentira (ali nunca se diz uma verdade, a não serem voz baixa e na roda dos lavradores: “Agora a gente sabe, mas não pode dizer alto”). Ali, sempre, os fortes ganham e as palavras enganam (CERTEAU, 2014, p. 72).

Graciliano Ramos destaca a experiência sofrida por Fabiano, que revoltado por reconhecer sua exiguidade em relação à força estatal e seus representantes, pois, por mais que não houvessem motivações legais para agressão e reclusão, internalizou a naturalidade, apontando até certa coerência em relação aos abusos sofridos, por serem oriundos das forças coercitivas do governo.

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito? Não queria capacitarse de que a malvadez tivesse sido para ele. Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso. Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele? Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas. as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e agüentavam cipó de boi oferecia consolações: -- "Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita." Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo? - An! E, por mais que forcejasse, não se convencia de que o soldado amarelo fosse governo. Governo, coisa distante e perfeita, não podia errar. O soldado amarelo estava ali perto, além da grade, era fraco e ruim, jogava na esteira com os matutos e provocava-os depois. O governo não devia consentir tão grande safadeza. (RAMOS, 2015, p. 33).

Ainda sobre as relações entre Fabiano e o patrão, comerciantes e negociantes locais, existia certa resistência por parte do vaqueiro, que por desconhecimento ou receio preferia demonstrar indiferença no intuito de evitar problemas, a até com certa flexibilidade para não perder o vínculo se protegendo em relação a lógica sócio econômica local, tanto esse episódio como o da prisão vivido por Fabiano, se configuram no processo definido por Chartier (1990)

como “lutas de representações”¹⁶, que “na retórica das práticas cotidianas que são igualmente definíveis como manipulações internas a um sistema – o da língua ou ao de uma ordem estabelecida.” (CERTEAU, 2014, p. 80).

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por Sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de baeta o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto. - Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos. (RAMOS, 2015, p. 76).

Conforme delimita Certeau (2014, p. 80), a “formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força, e como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico.” Espaço este, que tornaria as relações de força mais aceitáveis, de forma a diminuir os prejuízos a que ele não podia fugir com a tributação em vigor, contudo não aceitava e guardava para si os murmúrios dessas relações tendenciosas:

Recordou-se do que lhe sucedera anos atrás, antes da seca, longe. Num dia de apuro recorrera ao porco magro que não queria engordar no chiqueiro e estava reservado às despesas do Natal: matara-o antes de tempo e fora vendê-lo na cidade. Mas o cobrador da prefeitura chegara com o recibo e atrapalhara-o. Fabiano fingira-se desentendido : não compreendia nada, era bruto. Como o outro lhe explicasse que, para vender o porco, devia pagar imposto, tentara convencê-lo de que ali não havia porco, havia quartos de porco, pedaços de carne. O agente se aborrecera, insultara-o, e Fabiano se encolhera. Bem, bem. Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto. (RAMOS, 2015, p. 95-96).

Assim como as práticas cotidianas, a construção das casas no semiárido pela falta de material adequado era improvisada com o que a caatinga e o ambiente disponibilizassem, Certeau (2014, p. 97) ao “sugerir algumas maneiras de pensar as práticas cotidianas dos consumidores [...] que são do tipo tático.” Levantou o que se encaixa na condição do sertanejo nordestino, conforme descreve Ramos (2015):

A casa era forte. - An! Os esteios de aroeira estavam bem fincados no chão duro. Se o rio chegasse ali, derrubaria apenas os torrões que formavam o enchimento das

¹⁶ Chartier exemplifica como sendo um “campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação.” (Chartier, 1990, p. 17).

paredes de taipa. Deus protegeria a família. - An! As varas estavam bem amarradas com cipós nos esteios de aroeira. O arcabouço da casa resistiria à fúria das águas. E quando elas baixassem, a família regressaria. Sim, viveriam todos no mato, como preás. Mas voltariam quando as águas baixassem, tirariam do barreiro terra para vestir o esqueleto da casa. (RAMOS, 2015, p. 66).

Em vista disso, torna-se perceptível, a partir das análises das representações sociais propostas por Roger Chartier, e do cotidiano dos personagens das obras literárias elencadas, que as práticas ordinárias discriminadas por Michel de Certeau, enquadram os costumes habituais do homem no semiárido. As táticas de “habitar, circular, falar, ler, ir às compras ou cozinhar” narradas por Certeau (2014, p. 97-98), correspondem as astúcias promovidas pelo sertanejo frente à ordem estabelecida e suas representações, além das adversidades naturais, inerentes a vida no sertão semiárido, estando o sertanejo nessa conjuntura, se superando cotidianamente sem cessar para nunca abandonar sua memória ou se desvencilhar das suas origens no sertão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O historiador como investigador do passado, tem por obrigação ao se debruçar sobre as fontes, captar suas nuances, detalhes por vezes corrompidos ou omitidos pela corruptela da ordem e do domínio vigente, e é justamente nesse entrave que se constitui o processo de construção da História dos esquecidos, História que para se constituir verossímil, deverá manifestar seu sentido plural, pluralidade dos fatos e das variadas perspectivas, que pela profusão pode levar ao consentimento mais fidedigno, se contrapondo a construção de verdade absoluta e tendenciosa dos fatos.

Destarte, a literatura como fonte para produção historiográfica amplia as possibilidades do historiador, que terá que levar em conta todos os aspectos morais, políticos e socioeconômicos, em que a obra ficcional foi produzida. E sendo a literatura brasileira tão rica em exprimir todos os valores culturais das variadas partes e diferentes povos que constituem o Brasil, nada mais justo que o entendimento do cruzamento entre História e Literatura para arbitrar a produção historiográfica e o sentido de promoção à visibilidade da realidade de povos por vezes oprimidos pela ordenação vigente. Ordenação presente nos signos das políticas assistencialistas, na negligência estatal, nos abusos das elites locais e dos poderes públicos a nível nacional, estadual e municipal.

“E o sertão é um vale fértil. É um pomar vastíssimo, sem dono.” (CUNHA, 2014, p. 43). Assim se referiu Euclides da Cunha em sua obra *Os Sertões*, ao sertão semiárido que se

estende por todos os Estados do nordeste e a parte norte de Minas Gerais, sertão este difundido pela literatura do século XX a todo mundo, pelas escritas de Rachel de Queiroz em *O Quinze*, e de Graciliano Ramos em *Vidas Secas* dentre outros autores e outras obras de variadas escolas literárias, com objetivo inicial de denunciar o flagelo da seca e angariar investimentos do governo federal, mas que remontam toda história de uma região e de um povo que sofre por ter pouco, mas que ama o pouco que a terra seca, a vegetação rústica, a fauna selvagem de clima que causa lassidão, podem proporcionar.

E a força do sertanejo está aí, em lutar pelo pouco, que para quem esteve na caatinga uma única vez, parece impossível, mas para o Hercules-Quasímodo, nada parece impossível, tudo é ajustável conforme a necessidade. Pois para o homem do semiárido tudo é “uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar.” (CERTEAU, 2014, p. 41), é a materialização da resposta para as representações postuladas por Chartier, endossando o sentido do ideário do sertanejo que “é, antes de tudo, um forte.” (CUNHA, 2014, p. 77).

INVENTIVENESS OF MAN IN THE SEMIARID: HISTORY AND LITERATURE REGIONALIST IN THE FIRST HALF OF TWENTIETH CENTURY

ABSTRACT

This term paper aims to bring, up elements which make possible to realize historically, as the human being survives in the Caatinga's rustic environment. For this purpose, I borrow as support the literary narratives, that even though fictional, are full of reality meanings. being therefore, thought of as historical sources. In this argument, both History and Literature are forms of representation that are relevant at the epoch they are produced, according to quotation Pesavento(2004). Therefore, the pre-modernism work, *Os Sertões* by Euclides da Cunha and the neorealist works, *O Quinze* de Raquel by Queiroz and *Vidas Secas* by Graciliano Ramos, will be the sources of the historiographic delimitation of this quotidian, as will be demarcated in the concepts of analysis of common practices and representations, proposed by Michel de Certeau and Roger Chartier, highlighting the man's inventiveness in the semiarid Brazilian, backlands within the expression of the past present in literary art.

Key words: History. Literature. Quotidian. Common practices. Representations.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, K. F. ; ANSELMO, R. C. M. S. . 1915: A seca e o sertão sob o olhar de Rachel de Queiroz. *Estudios Históricos (Rivera)* , v. 3, p. 1-31, 2009.

ANTONIO FILHO, Fadel David. **Sobre a palavra “sertão”**: origens, significados e usos no Brasil (do ponto de vista da Ciência Geográfica). *Ciência geográfica*, Bauru, v. XV, n. 1, p. 84-87, jan./dez. 2011.

BOLETIM INSTITUCIONAL DA POLÍCIA MILITAR DA PARAÍBA Nº 0220 de 29 DE NOVEMBRO DE 2016 PÁGINAS: 8542.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. In: **Revista de Teoria da História**, Ano 1, n. 3, Goiás, 2010.

BOTOSO, A.. Opressores e oprimidos: uma leitura do romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. In: **Revista de Letras**, v. 6, p. 49-66, Taguatinga, 2013.

CAMILOTTI, Virginia Célia; NAXARA, Márcia Regina Capelari. História e Literatura - **fontes literárias na produção historiográfica recente no Brasil**. *História. Questões e Debates*, v. 50, p. 15-49, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 2014.

_____; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano 2: Morar, Cozinhar**. Petrópolis: Vozes, 2013.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

_____. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Editora Nova Cultura Ltda, 2002.

FERNANDES, Telma Dias. História, **cotidianidade e literatura**. *Saeculum (UFPB)*, v. 027, p. 25-36, 2012.

HEGEL, Georges W. Friedrich. **O contexto natural ou o fundamento geográfico da história universal**. In: A Razão na História: Introdução à Filosofia da História Universal. Lisboa: Edições 70. 1995. Tradução de Artur Morão

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000. Mapa de biomas do Brasil– 2004.

MARTINS, G. M. C. . O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História. In: Congresso Internacional de História, 7., 2015, Maringá. **Anais...** Londrina, 2015. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf>>. Acesso em 12 de out. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995.

_____. História & literatura: uma velha-nova história, Nuevo Mundo, Mundos Nuevos, Debates, 2006. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/index1560.html>

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. 49. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1992.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 129ª edição. Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 2015.

SENA JUNIOR, G. F. ; Realidade versus ficção: a literatura como fonte para escrita da história. In: Simpósio Nacional Estado e poder: cultura, 6., 2010, São Cristóvão-SE. **Anais...**, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>>. Acesso em 08 de set. 2018.

SOUZA, V. S. . **O naturalismo de Euclides da Cunha**: ciência, evolucionismo e raça em 'Os Sertões'. Fênix UFU. v. 7, p. 1-22, 2010.

SILVA, J. M. C.; TABARELLI, M.; FONSECA, M. T.; LINS, L. V. (org). **Biodiversidade da Caatinga**: áreas e ações prioritárias para a conservação. Brasília (DF): MMA/UFPE/Conservation International – Biodiversitas – Embrapa Semi-árido, 2004. 382p.

TEIXEIRA, Atila. **OS SERTÕES, DE EUCLIDES DA CUNHA: MARCO INICIAL DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E DA LITERATURA BRASILEIRA NO SÉCULO XX. TEMPORIS [AÇÃO]**, v. 16, p. 21-36, 2016.